



JOGOS INOCENTES JOGOS

**RICARDO
GÓMEZ**

Tradução
Adalberto Müller

Quinteto

JOGOS
INOCENTES
JOGOS

JOGOS INOCENTES JOGOS

RICARDO GÓMEZ

**Tradução
Adalberto Müller**

Romance vencedor do
XIII Prêmio Alandar de Narrativa Juvenil
(Espanha)

1ª edição

Quinteto

São Paulo — 2018



Copyright da edição brasileira © Quinteto, 2018

Todos os direitos reservados à

QUINTETO EDITORIAL LTDA

Rua Rui Barbosa, 156, 1º Andar, Sala 1 – São Paulo – SP

CEP 01326-010 – Tel. (0-xx-11) 3598-6000

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

Título original: “JUEGOS INOCENTES JUEGOS” (PREMIO ALANDAR 2013)

Autor: Ricardo Gómez

© EDITORIAL LUIS VIVES, España, 2013

Editor especialista Luís Camargo

Revisora Lívia Perran

Ricardo Gómez nasceu na província de Segóvia, Espanha, em 1954. Ganhou o III Prêmio Alandar de Narrativa Juvenil, em 2003, e passou a dedicar-se exclusivamente à literatura. Em 2006, recebeu o Prêmio Cervantes Chico pelo conjunto de sua obra para crianças e jovens. Esse prêmio distingue autores de língua castelhana cuja trajetória criadora se destaque pelo trabalho no campo da literatura infantil e juvenil; tem como critérios a popularidade e a utilização da obra do escritor na escola e, sobretudo, o mérito literário. Em 2013, Ricardo Gómez ganhou o Prêmio Alandar pela segunda vez.

Adalberto Müller é professor de Teoria da Literatura e de Literatura e Cinema na Universidade Federal Fluminense, além de doutor em Letras pela USP e pós-doutor pela Universidade de Münster e pela Yale University.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gómez, Ricardo

Jogos inocentes jogos / Ricardo Gómez; tradução Adalberto Müller. – 1. ed. – São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

Título original: Juegos inocentes juegos

ISBN 978-85-8392-134-9 (aluno)

ISBN 978-85-8392-138-7 (professor)

ISBN 978-84-263-8959-6 (ed. original)

1. Romance - Literatura juvenil I. Título.

18-16533

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura juvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Convite à leitura

Olá, leitor.

Você gosta de *videogames*? Gostaria de pilotar um *drone*?

Jogos inocentes começa pela apresentação do narrador, Sebastian, jovem espanhol de 17 anos que vive na periferia de Madri. Ele conta que é um excelente jogador de *videogames* e relata seu dia a dia na escola, as amizades, o namoro e o convite que recebeu para testar jogos.

Você irá acompanhar esses testes!

Duas outras narrativas, em terceira pessoa, vão se mesclando à história de Sebastian. Assim, você terá uma visão privilegiada, que o próprio Sebastian não tem.

Este romance juvenil vai instigá-lo a mudar de fase (para usar a linguagem dos *games*): da aventura para a reflexão. Seriam esses jogos apenas inocentes jogos, como pensa Sebastian?

UM, 9
DOIS, 13
TRÊS, 19
QUATRO, 25
CINCO, 33
SEIS, 41
SETE, 45
OITO, 53
NOVE, 57
DEZ, 63
ONZE, 69
DOZE, 77
TREZE, 85
CATORZE, 91
QUINZE, 101
DEZESSEIS, 107
DEZESSETE, 113
DEZOITO, 123
DEZENOVE, 129
VINTE, 137
VINTE E UM, 145
VINTE E DOIS, 151
VINTE E TRÊS, 163
VINTE E QUATRO, 171
VINTE E CINCO, 179

NOTA DA EDIÇÃO BRASILEIRA, 182
QUEM É RICARDO GÓMEZ, 183
INFORMAÇÕES PARATEXTUAIS, 184

UM

No mundo real, meu nome é Sebastian, com *n* mesmo, mas são poucos os que me chamam assim. A maioria me conhece como Assassino. Não é que eu goste muito desse nome, mas a essa altura não posso fazer nada para evitar ser chamado assim.

As pessoas que me chamam de Sebastian acreditam que sempre fui um rapaz complicado. Meus professores explicam o motivo disso se referindo à separação dos meus pais, à morte da minha irmã e blá-blá-blá. São besteiras, mas reconheço que às vezes me defendi com elas. Agora elas me servem cada vez menos. Todo mundo espera que alguém de 17 anos vá tomando jeito. Tomando jeito... Que bobagem!

Os que me conhecem por Assassino dizem que sou bom no que faço. Muito bom. E que esse nome me cai como uma luva. Na realidade, nem sempre me dedico

a matar, mas há *logins* pegajosos, como aqueles chicle-tes que você tira da boca para jogar no lixo e que ficam grudados nos dedos. Um nojo. Mas é muito mais fácil se desfazer de um chiclete grudento do que tirar de cima de si certa fama, sobretudo quando se resume a uma só palavra, tão sonora. Não me puseram o apelido de *Killer*, mas de Assassino, cujo som evoca a forma de matar de uma serpente, porque dizem que sou frio e sibilino. A essa altura o rótulo me convém. É como na escola: a gente cai fácil na armadilha. Se você tem algum prestígio, ainda que seja por algo negativo, é melhor utilizá-lo a seu favor, e isso é muito fácil, até mesmo para uma anta.

Não teria coragem de confessar a minha mãe que me chamam de Assassino. Ela ficaria triste, coitada! Para ela é uma questão de moral, eu acho. Ainda que não vá à missa e coisas assim, ela é religiosa à sua maneira e acredita que algumas coisas são certas e outras não, e que matar é sempre errado, mesmo que seja em jogos de *videogame*.

Hoje, por exemplo, estávamos jantando e ela fez cara feia quando pegou o telefone e me passou. É *aquela fulana*, disse-me de maneira seca. Ainda que não conheça bem quem está do outro lado da linha (eu também não, aliás), sabe por que me ligam e não gosta. Pensa que vão me perverter ou algo assim. Considera que o dinheiro que eu ganho vem fácil demais e que deve haver alguma coisa errada. Às vezes me dá lições bem-intencionadas sobre pornografia infantil ou sobre *hackers* que acabaram na cadeia por fuçar computadores alheios, essas coisas que se escutam por aí. Tem medo de que um dia a polícia volte a me pro-

curar, de que o dinheiro que recebo venha do tráfico de drogas... Vai lá saber o que ela fantasia.

O que ela sabe é que, quando *aquela fulana* liga, pouco depois me tranco no quarto e ela não deve entrar. Ela não gosta disso, embora às vezes a tenha convidado a ficar comigo lá dentro, para que se tranquilizasse de uma vez por todas.

Fiz isso uns quinze dias atrás, quando estava testando uns *drones* e não tinha que dar disparos e essas coisas. Hoje marcaram comigo às onze, e não vou convidá-la. Não seria agradável para ela presenciar o que vou fazer. Ela não iria gostar de ver como digito meu *login*, A-S-S-A-S-S-I-N-O, e logo em seguida minha senha. E acharia ainda mais repugnante o que vem em seguida.

Depois de desligar o telefone, voltei para a mesa e disse a mesma coisa que das outras vezes: Mamãe, são apenas jogos. Ela abaixou a cabeça, esboçou um meio sorriso e disse: Anda, acaba logo de jantar, senão esfria.

Às vezes, acho que gostaria de morar sozinho. Sozinho em morar sozinho, embora ache que vá demorar muito para isso acontecer. Minha mãe ficaria muito chateada se eu fosse embora de casa e, por algum motivo, ela tivesse de ficar sozinha. Às vezes penso que a única maneira de eu morar sozinho seria a morte dela e isso me deixa triste. A vida sempre foi muito cruel com a minha mãe, mas também é verdade que ela até que se deu muito bem.

Quando era pequeno, ficava com medo que ela arrumasse um namorado, mas agora já não mais. Até disse a ela que não me importaria se ela arrumasse outro marido, desde que fosse um cara legal, lógico!

Esse homem não seria meu pai, mas ela teria companhia e eu não precisaria viver querendo saber se ela está angustiada ou não.

Imagino que se ela tivesse um namorado, quando eu fosse para meu quarto, os dois poderiam se divertir um pouco. Minha mãe não ficaria perguntando toda hora o que diabos eu faço trancado.

E eu não andaria colado nela. Às vezes, não sou tão bom assassino como poderia ser, porque não posso tirá-la da cabeça, como se tivessem pregado uma tachinha no meu cérebro. É incrível, mas mato com remorso. Se meus inimigos soubessem disso, tirariam sarro de mim.